



O Sublime e o Trágico no Telejornal: O Caso dos Jogos Pan-Americanos 2007 e do Acidente da TAM no Contexto do Jornal Nacional¹

Ana Regina Teixeira da Silva²
Cláudio Cardoso de Paiva³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar como o telejornalismo reescreve o cotidiano, sob a ótica do espetáculo, oscilando entre uma representação sublime e trágica do real. O estudo resulta de uma pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que abordará o tratamento conferido pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, a dois acontecimentos ocorridos em julho de 2007: os Jogos Pan-americanos e o acidente com o Airbus A-320 da companhia aérea TAM. À luz dos conceitos de acontecimento midiático, espetáculo e *fait-divers*, bem como de uma reflexão sobre as noções do *sublime* e do *trágico* (categorias do campo da teoria estética), buscamos fundamentar uma análise posterior de matérias do telejornal a serem selecionadas como amostra.

Palavras-chave: telejornalismo; espetacularização; trágico; sublime.

1. Considerações Iniciais

Do fogo olímpico, oriundo da pira dos jogos Pan-Americanos 2007, às chamas da explosão causada pela colisão entre um avião da companhia aérea TAM e um depósito de cargas da empresa, nas proximidades do aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Separados por quatro dias do mês de julho de 2007, a abertura da competição, realizada no dia 13, e o acidente aéreo, ocorrido no dia 17 e considerado o mais grave da história da aviação do país, parecem ter em comum não apenas a presença do elemento fogo naquelas imagens difundidas pela mídia nacional.

Isto porque, embora estes acontecimentos históricos sejam de natureza antagônica, de algum modo sua cobertura pelo telejornalismo revela similaridades, ao projetá-los sob a ótica do espetáculo. Entre os indícios que comprovam esta premissa estão: a polarização das edições telejornais em torno de ambos os temas, atualizados, diariamente, pela mídia nacional, durante várias semanas, bem como o acúmulo de

¹ Trabalho apresentado na NP Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (PPGCOM-UFPB). É graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e possui especialização em Jornalismo Cultural pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Email: aninharts@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (PPGCOM-UFPB). Email: claudionisio@hotmail.com



informações e imagens que, no sentido apontado por Debord (1997) e Baudrillard (1999), conduz ao distanciamento dos acontecimentos reais.

Assim, euforia e luto, riso e choro dividiram espaço na mídia e as atenções da sociedade, a partir de dois momentos singulares. E, embora alguns pesquisadores, a exemplo de Patias (2006), considerem os telejornais popularescos como o *Brasil Urgente*, da TV Bandeirantes, mais sensacionalistas que os tradicionais como o *Jornal Nacional (JN)*, a espetacularização dos fatos também têm espaço também nesses últimos, especialmente, durante a cobertura de eventos como os Jogos Pan-americanos ou acidente da TAM. Tanto que, em observação preliminar, a presente pesquisa, observou que, em pelo menos 11 edições do *JN*, entre os dias 17 e 28 de julho, estes dois acontecimentos têm maior destaque que outros fatos.

Antes de procedermos a uma análise desses acontecimentos midiáticos, convém nos reportarmos o conceito de espetáculo, que no sentido preconizado por Debord (1997, p.14), define “uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Segundo o autor, a partir do estabelecimento das modernas condições de produção o modelo da vida em sociedade se modificou, assumindo a forma do espetáculo e, deste modo, as experiências vividas diretamente foram esvaziadas em função de sua representação.

2. Os Acontecimentos e a Televisão

A abertura oficial da décima quinta edição dos Jogos Pan-americanos aconteceu no dia 13 de julho do ano de 2007, mas, a expectativa de muitos brasileiros em torno do evento começou quase cinco anos antes, em 24 de agosto de 2002, quando a Organização Esportiva Pan-Americana (Odepa) anunciou a cidade escolhida para sediá-la: o Rio de Janeiro. Esta era a segunda vez que o país iria abrigar a competição poliesportiva, considerada a segunda mais importante do mundo (atrás apenas das Olimpíadas), pois em 1963, a quarta versão dos Jogos aconteceu em São Paulo.

O acompanhamento do processo de planejamento e organização do evento – das obras de infra-estrutura à preparação dos atletas – foi potencializado pela ação da mídia. A cobertura jornalística se intensificou nos primeiros dias dos Jogos, em tom de euforia e ufanismo, como demonstra o editor-responsável do Observatório da Imprensa, Alberto

Dines. Note-se que, em relação ao *Jornal Nacional*, o autor enfatiza a espetacularização das emoções dos atletas:

Manchete de segunda-feira do *Globo*: "Brasil humilha a Argentina e é bi". A *Folha*, irreconhecível: "Brasil – vence Copa América, ganhou ouro no Pan e é imbatível no volei". (...) O *Jornal Nacional* de segunda-feira parecia *Paraíso Tropical*, simbiose perfeita entre jornalismo-espetáculo e espetáculo-espetáculo: os irmãos esgrimistas vertendo copiosas lágrimas ao lado da mãe, a ginasta Jade Barbosa dando um show e perdendo na última exibição. (DINES, 2007, online)

Essa postura da mídia nacional em grandes eventos esportivos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos já é esperada, conforme aponta Mello (2006, p.1), visto que “é comum que boa parte da programação dos canais de televisão ou das páginas dos jornais dediquem mais espaço aos jogos e competições, do que a outras áreas como política e economia”.

É oportuno observar que, assim como nos Jogos Olímpicos, elementos como a filosofia de união dos povos em torno do esporte, o desafio de quebrar recordes, a idéia de superação dos atletas estão na essência dos Jogos Pan-americanos, enquanto esporte-espetáculo. Ao aplicar este termo às Olimpíadas, Sanfelice e Hatje (2001, p. 1-2), afirmam que estas podem ser assim consideradas por terem como finalidade “o grandioso, o sensacional, o emocionante” e a mediação: “é no dito espetáculo que o espectador se sente integrante do evento, mesmo que não esteja presente no local”.

No entanto, no início da noite do dia 17 de julho – 18h48m, um fato inesperado mudou o foco da imprensa: o avião Airbus A-320 da companhia aérea TAM, que saiu Porto Alegre – Rio Grande do Sul com destino a São Paulo, não conseguiu aterrissar no aeroporto de Congonhas e, ao tentar repetir o procedimento, atravessou uma avenida e invadiu um depósito de cargas da mesma empresa, provocando várias explosões. Minutos depois, as primeiras imagens do acidente já eram difundidas pela mídia. Castro apud Magalhães demonstra a reação das emissoras de TV naquele momento e o modo como a cobertura do fato foi condicionada pela estrutura que já se havia montado para o Pan:

O maior acidente da história da aviação brasileira pegou as TVs desprevenidas. Anteontem, todas tiveram que improvisar, apurando informações e editando seus telejornais ao vivo, enquanto eram exibidos. Mobilizadas para o Pan, as redes estavam desfalcadas em São Paulo. A Globo estava sem duas de suas estrelas, César Tralli e Ernesto Paglia, que ontem foram chamados de volta. A Band estava com um terço dos repórteres (seis de 18) que cobrem o dia-a-dia em São Paulo trabalhando no Rio. Mas teve sorte. Foi a primeira a

mostrar imagens do acidente, às 18h56, três minutos antes da Globo. (CASTRO apud MAGALHÃES, 2007, online)

Ao mostrar a mobilização dos meios de comunicação em torno do acidente – o imprevisto na transmissão ao vivo, o retorno dos repórteres mais conceituados que estavam trabalhando no Pan, percebemos o valor-notícia⁴ atribuído a acontecimentos considerados trágicos sobre os demais. Tanto que o telejornal analisado nesta pesquisa dedicou quase todo o tempo de sua duração à cobertura ao vivo, conquistando um bom resultado em termos de audiência:

O ‘Jornal Nacional’ entrou às 20h37 (22 minutos depois que o normal) e durou 1h03min. Pelo menos dez minutos de noticiário sobre o Pan foram jogados fora. William Bonner parecia âncora de rádio, entrevistando repórteres. (...) O ‘JN’ de terça de 47 pontos, maior audiência desde maio de 2006 (ataques do PCC). (...) As diretorias de jornalismo da Globo e Record consideram que fizeram ótimas coberturas. (CASTRO apud MAGALHÃES, 2007, online)

À luz do texto de Vizeu (2002, p.61) podemos compreender o ritmo intenso na redação de um telejornal em momentos como esse, quando em referência ao *JN* explica que, embora seja comum no início da noite o espelho do telejornal ser redesenhado, os imprevistos como “entradas de satélite, matérias de última hora, problemas técnicos (...) têm que ser *administrados* (grifo nosso) num curto espaço de tempo”. Assim, o autor afirma que nesses casos “a adrenalina corre solta” na produção do telejornal, que segundo ele, tem uma duração média de 26 a 28 minutos (considerando só o tempo dedicado à exibição de notícias).

Em relação à cobertura jornalística no caso do acidente da TAM, vale ressaltar que o discurso do *JN*, naquela noite, foi o da informação, ou seja, embora já se vislumbrasse a gravidade do acidente e se usasse a palavra *tragédia*, ainda não se tinha detalhes sobre o acontecimento, nem o número oficial de vítimas – dado que parece ser fundamental para a classificação de acidentes como esse no *ranking* dos maiores.

2.1 O Acontecimento Midiático

A primeira matéria da edição veiculada pelo *JN* no dia seguinte ao acidente (18/07), traz expressões que caracterizam o discurso da tragédia como *maior desastre*

⁴ Este conceito pode ser definido, conforme Wolf (1995, p.175), como a resposta a seguinte pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Segundo o autor, os valores-notícia permitem que os acontecimentos sejam selecionados rapidamente, de maneira quase automática. Haveria, assim, quatro “pressupostos implícitos ou de considerações relativas” dos quais derivariam os valores-notícia: “a) às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b) à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c) ao público; d) à concorrência” (WOLF, 1995, p.179).

da aviação brasileira, cenário do desastre com referências à idéia de luto ao falar de *silencio respeitoso*, por exemplo. Um destaque nesta edição foi o deslocamento do editor e âncora do programa, William Bonner, para as proximidades do local do acidente, de onde foram anunciadas todas as notícias sobre o caso, até a edição de 20 de julho.

É interessante perceber que a presença de Bonner, em Congonhas, não apenas transmite a impressão de realidade, mas transforma o local do acontecimento em cenário, um prolongamento do estúdio de TV, ou do *não-lugar* do acontecimento, como afirma Baudrillard (1999, p. 148). O mesmo pode-se aplicar à presença da também âncora do programa, Fátima Bernardes, nos primeiros dias de realização dos Jogos Pan-americanos, na Vila do Pan, no Rio de Janeiro. Neste sentido, Baudrillard (1999) defende que a presença da televisão em um acontecimento modifica a realidade a ser mostrada, provocando, assim, uma perda do acontecimento, de sua percepção e experiência.

Uma característica do acontecimento real seria o fato de este ter uma temporalidade fixa, ao contrário do acontecimento midiático, que em sua atualização constante perde a noção de temporalidade. Logo, o formato a - histórico do acontecimento midiático não apenas propicia sua espetacularização, como dificulta a sua identificação como real ou ficcional.

Em uma breve digressão sobre o conceito de acontecimento, observemos como Patrick Charaudeau, na obra *Discurso das mídias*, demonstra as divergências teóricas quanto à definição desse elemento essencial à produção jornalística:

O acontecimento é definido ora como todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido com a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a idéia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado. (CHARAUDEAU, 2005, p. 95)

Apesar destas controvérsias quanto ao conceito, o autor reconhece que os acontecimentos tratados pela mídia são sempre construídos, tendo em vista, sobretudo, seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade. Charaudeau (2005) aponta para a existência de três modos discursivos na construção do acontecimento midiático: *acontecimento relatado*, identificado pela notícia, que reúne fatos, ações e ditos; *acontecimento comentado*, que busca o porquê e o como, através de análises e opiniões especializadas; e *acontecimento provocado*, que constrói um debate público em torno



do fato. Sobre este último, o autor lança um questionamento sobre o limite ético da ação da mídia, que corre o risco de “fazer da informação um objeto de espetáculo” (CHARAUDEAU, 2005, p.191).

Também Piccinin (2006, p. 4) afirma que “os eventos mediados pela televisão, ao se formatarem ao padrão audiovisual, se tornam matéria-prima de excelência para a produção espetacular dos acontecimentos de acordo com as demandas midiáticas”. Influenciada pelo pensamento do filósofo Michel Maffesoli, defende que esse movimento é potencializado pelo fator ritualístico inerente à experiência com a televisão.

O contato ritualizado com os produtos televisivos se dá, conforme a pesquisadora, tanto em decorrência do modo de consumo da TV, que é mais acessível que outras mídias, como pelo fato de a essência da linguagem televisiva estar ligada à imagem. Recordemos que esta é, na perspectiva de Debord, a instância mediadora por excelência na sociedade do espetáculo.

A idéia de ritualização traz uma contribuição importante ao nosso estudo, visto que diz respeito à realidade que se constrói em torno do universo televisivo. Acreditamos, assim, que o comentário de Daniel Filho, sobre a Rede Globo de Televisão, traduz um fato que não pode ser ignorado:

A grade da Globo é algo que vem fazendo sucesso há mais tempo do que tem de duração, ou tevê, qualquer outra emissora no Brasil. Faz parte hoje da vida, do cotidiano, dos hábitos das pessoas. Já imaginou que transtorno para muita gente deste país afora se uma noite dessas o *Jornal Nacional* deixasse de entrar na telinha? Ou se não tivesse *Fantástico* num domingo? (DANIEL FILHO, 2001, p. 348)

2.2 Ficção e Realidade na Televisão

Dissemos que, ao perder suas referências temporais, o acontecimento midiático é prejudicado em sua identificação como *real* ou *ficcional*. No caso da televisão, vemos que sua capacidade de aglutinar linguagens de outros meios de comunicação e de diversos gêneros artísticos contribui para aproximação de elementos controversos, de modo a estruturar os conteúdos veiculados entre o *local* e o *global*, *ficção* e *realidade*, inserindo-os em nosso cotidiano. Este movimento de apropriação, característica da cultura de massa, da qual a TV é o ícone maior, contribuiu para criação de uma estética peculiar de apresentação dos conteúdos televisivos, os quais são constituídos, basicamente, por dois elementos: informação e entretenimento.



Poderíamos reafirmar esse dualismo, em uma primeira análise, vinculando o termo informação aos programas jornalísticos e entretenimento aos ficcionais, humorísticos ou esportivos. Temos uma distinção semelhante a essa em Wolton (1990, p.69): “a informação é aquilo que se relaciona com o mundo objetivo tal qual é, mobilizando o cidadão como espectador, enquanto o resto dos programas – ficção, esporte, documentário, jogos – solicita-o mais como espectador.”

O que percebemos, porém, é que esta separação não é tão rigorosa, já que na atual programação televisiva - dos telejornais às telenovelas - há presença de ambos, ainda que indiretamente. A aproximação entre ficção e realidade pode ser resultado de uma espécie de tirania do elemento *realismo*, apontado por Coelho (2001, p.100) como uma linguagem cuja preponderância na televisão seria uma demanda do próprio público, visto que “se do outro lado da câmera há sempre uma pessoa real, uma paisagem real, uma bola real, como optar por outra linguagem?”.

Já o sociólogo Edgar Morin, observa essa fusão entre real e imaginário como um movimento próprio do *sincretismo* – uma das características que ele atribui à cultura de massa – que, no caso do jornalismo, privilegia o *fait divers*:

No setor da informação, são muito procurados os *faits divers* (isto é, essa faixa do real onde o inesperado, o bizarro, o homicídio, o acidente, a aventura irrompem na vida quotidiana) (...) Inversamente, no setor do imaginário, o realismo domina, isto é, nas ações e intrigas romanescas que têm aparências de realidade. (MORIN, 1975, p.29)

O conceito de *fait divers*, estabelecido por Roland Barthes, na obra *Essais Critiques* (1964), é útil a esta análise, uma vez que, denomina os fenômenos do cotidiano que, por características excepcionais, passam a ter um tratamento midiático marcado pelo tom emocional e pelo sensacionalismo. Temos exemplos disso nas notícias sobre os desdobramentos do acidente, como em uma matéria da edição do dia 18/07, na qual se narra a angústia dos parentes das vítimas antes da divulgação da lista de passageiros do voo, com ênfase nas imagens em que os familiares gritam e choram, nas quais recursos como o close nos rostos e a valorização do som ambiente demonstram o momento de tensão. Também percebemos isso em notícias do Pan, nas quais se ressaltou as emoções dos atletas em suas conquistas ou derrotas, como o caso da despedida da ginasta Daiane dos Santos da competição (edição de 16 de julho).

Em uma reflexão mais crítica acerca do problema da ficção e da realidade na TV, o filósofo Baudrillard (1999, p. 147) afirma que, ao contrário de outras manifestações culturais como a literatura, do teatro e do cinema, que apresentam ficção

como realidade, a televisão tende a apresentar ficção como ficção. Isto porque, segundo ele, “a imagem (televisiva) só remete a se própria” e, portanto, não possui qualquer referência com a história ou com os acontecimentos apresentados. A reprodução ilimitada dessas informações e imagens veiculadas, as quais para o autor seriam da ordem do virtual, atua na recriação do acontecimento, substituindo-o e (re)significando-o a cada exibição. Foi desse modo que Baudrillard observou a idéia de *contágio das imagens* que, produziria a informação como catástrofe.

3. O sublime e o trágico no telejornalismo

A contradição está presente numa narrativa jornalística que se fundamenta na espetacularização - ora do *trágico*, ora do *sublime* - uma vez que, a mídia espetacular e sensacionalista se aproveita justamente do paradoxo, imprimindo tonalidades mais fortes à representação, de forma a arrebatarem a atenção do público através do sensacionalismo. Convém notar que a mídia o faz se utilizando de recursos similares à ficcionalização, fazendo dramatização dos fatos para *resolver* o impasse, o paradoxo, através de uma estetização do acontecimento. Temos então um deslocamento da experiência trágica - que, segundo Nietzsche (1983), promove a catarse, desencadeia as reações mais nobres dos seres humanos - para uma dimensão *sublimada*, esteticamente dramatizada do acontecimento. Logo, o efeito midiático do telejornal, face a um acontecimento com o dos jogos do PAN ou do acidente da TAM, é criar as condições propícias para um tipo de conformismo social.

3.1 Do sublime

Primeiramente, ao classificarmos os Jogos Pan-americanos como um acontecimento da ordem do sublime, nos fundamentamos na acepção de Paiva (2005, p.2), segundo o qual, essa categoria “designa também um superlativo do belo”, que “arrebata os sentidos através de uma estética, cujas emanações afetivas podem orientar os espectadores nos campos da ética, educação e conhecimento”.

Todavia, o sublime, uma categoria prestigiada principalmente no culto das artes religiosas, pode ganhar outras conotações no liquidificador estetizante da mídia, que, apressada e ansiosa pela atualização permanente, transforma o evento num tipo de *sublimação* que se aproxima do melodrama. Caberia ao sujeito da experiência estética educar os sentidos e discernir as modulações estéticas (sentimentais) que revestem os *fais divers* (midiáticos), transformando os acontecimentos em eventos espetaculares.



Podemos entrever o belo, desde as festas de abertura e encerramento - o espetáculo de cores, cenários, das manifestações culturais, do público e da própria presença dos *olimpianos* do esporte, como pontuou Morin (1975) – à euforia das disputas, quebras de recorde, histórias de superação dos atletas, entre outros aspectos. O jornalista Odir Cunha destaca esse encanto que o Pan proporciona:

Há de tudo no Pan: das potências esportivas Estados Unidos e Cuba, secundados por Canadá, México, Brasil e Argentina, até nações que se sentiriam felizes com uma medalhazinha de bronze. Aí está o encanto. Aí está a história humana e comovente que move as batalhas esportivas. Verdadeiros deuses do esporte começaram sua carreira vitoriosa nos Jogos Pan-Americanos. (CUNHA, 2007, online)

É possível dizer que, mais que nas 14 edições anteriores dos Jogos, o Pan do Rio teve um significado especial para os brasileiros, já que este foi o primeiro grande evento esportivo que várias gerações viram o país sediar, até porque, em 1963, por ocasião do Pan de São Paulo, o evento ainda não tinha a repercussão atual. O apreço que a população tem pelo esporte confirma esse pensamento. Segundo a pesquisa *Os consumidores de esportes no Brasil*⁵, aplicada em 2007 pelo Ibope Mídia, em parceria com a Kantar Research Media, 72% da população entre 12 e 64 anos, aproximadamente 45 milhões de pessoas, se interessam de alguma forma por esportes. O estudo mostrou também que 64% da população têm acesso à programação esportiva através da televisão.

Considerando essa preponderância da televisão, é oportuno perceber a forma como o *Jornal Nacional* representa os atletas brasileiros, partindo de um *padrão positivo*, no qual prevalece o discurso da superação e do espetáculo é observada por Temer:

É destacada a origem humilde, a dedicação à família e o apreço aos amigos. No telejornalismo, o atleta é o “homem público”, está no “palco” e dispõe de uma platéia fiel. A imagem do brasileiro que vence por meio do esporte é tão forte que se torna tema da campanha institucional da emissora. (...) Fica claro que, quando o evento esportivo é transmitido ao vivo pela emissora, torna-se matéria obrigatória no telejornalismo. (TEMER, 2002, online)

3.2 Do trágico e da tragédia

O espaço privilegiado proporcionado ao elemento trágico - tanto nos relatos da vida cotidiana como nas manifestações artísticas - demonstra sua influência sobre a

⁵ Pesquisa elaborada com base no Target Group Index, um estudo contínuo de consumidores representativos da população brasileira residente nos principais centros de consumo da nação.



nossa percepção da existência e, de uma forma geral, sobre a construção dos imaginários das mais diversas culturas. Esse fascínio sobre a tragicidade, conforme Luna (2005, p. 19) “parece advir do mistério mesmo que o envolve”. É que, segundo a autora, além de conjugar aspectos como dor e sofrimento, o episódio trágico traz consigo um “componente de incongruência”, que desafia o pensamento lógico e racional.

A angústia gerada por acontecimentos inesperados, incompreensíveis, imerecidos, sobretudo, se são causadores de mortes como foi o acidente com o avião da TAM é, portanto, intrínseca à essência destes fatos que permeiam a existência humana. Considerando a universalidade de tais sensações, não é de se estranhar o tratamento - na maioria das vezes - espetacularizado, conferido pela mídia a esses fenômenos que, até hoje, tentam ser explicados por doutrinas religiosas ou filosóficas. Estas, no entanto, não foram capazes, conforme Luna, de minimizar o terror da sociedade ocidental perante o trágico e a morte:

O trágico continua a ser a angústia ocidental, patenteada na necessidade mesma de confrontá-lo que ainda alimenta a religião e a filosofia, além de outros saberes, sendo o poder dessa temática efetivo o bastante para garantir os mais altos índices de audiência em nossos meios de comunicação. Não por acaso, a “indústria” do trágico sempre se sustentou com muita facilidade. (LUNA, 2005, p.20)

Enquanto categoria estética, o trágico encontrou respaldo, especialmente, na literatura e no teatro, através do gênero da tragédia. Embora haja indícios da presença desse tipo de manifestação artística em outras culturas, foi na Grécia antiga que ele alcançou sua forma clássica. Mesmo havendo distorções entre a concepção do trágico na Antiguidade e no mundo atual, concordamos com Luna (2005), quando esta aponta a tragédia e o drama atual como estratégias de racionalização do elemento trágico.

Um conceito importante para compreender a tragédia é o de *mimeses*, alvo de discussões na Grécia antiga, cujo foco era a relação entre o real e sua representação. Influenciado pelo racionalismo do pensamento de Sócrates, o filósofo Platão defendia, de acordo com Luna (2005, p.179), uma concepção idealizada do mundo, recusando gêneros literários como a arte poética, o qual seria uma *cópia* do real. Uma das mais conhecidas críticas às simulações da realidade é o *Mito da Caverna*, no qual o filósofo demonstra sua preocupação com o conhecimento pleno da verdade, do mundo real.

Assim, na perspectiva platônica, temos uma aceção negativa de *mimeses* enquanto imitação da natureza, um desvio em relação à essência que aponta para o



simulacro. Baudrillard retomaria esse termo (simulacro) para conceituar o rompimento total com a distinção entre o real e o virtual. No caso da televisão, a imagem não teria relação com qualquer realidade e o acontecimento real seria substituído por um duplo, que não é necessariamente uma cópia, mas uma versão midiática do fato.

Ao contrário de Platão, em sua *Poética*, Aristóteles trata da *mimeses* como algo capaz de gerar conhecimento. Neste sentido, a arte trágica reproduziria um efeito positivo: a catarse. Vejamos uma comparação dos pensamentos platônico e aristotélico acerca desses efeitos:

Enquanto Platão encorajava os homens a sufocar suas paixões exercitando a abstinência e por isso mesmo desmerecia a arte, por reconhecer nesta um meio de incitar as paixões, Aristóteles sugere com a catarse que a arte tem realmente o poder de reproduzir nos homens estados emocionais, sendo que este processo de reprodução de estados emocionais através da arte trágica opera no sentido de “educar” essas emoções. (LUNA, 2005, p. 215)

Trazendo essa reflexão para o âmbito midiático, temos o pensamento de Torres (2004, online), que acredita que, em nosso tempo, “a catarse transferiu-se da sala de espetáculo para a sala de estar”. O pesquisador identifica a tragédia como um gênero televisivo, no qual se encaixariam transmissões de fatos como a morte da princesa Diana e os ataques ao World Trade Center, ocorridos em 11 de setembro de 2001. De acordo com ele, o termo “teletragédia” já havia sido usado por Edgar Morin para denominar à cobertura da TV americana ao assassinato do ex-presidente dos Estados Unidos John Kennedy, ocorrido no ano de 1963.

Um aspecto importante sobre os fatos trágicos é verificado por Torres (2004, online), quando este afirma que “estes eventos abalam as instituições e instalam o conceito de crise”. Considerando o presente estudo, é certo que a difusão da idéia de que o Brasil enfrentava uma grave crise no setor aéreo é anterior ao acidente com o avião da TAM. O clima de insegurança no céu já era alardeado por toda a imprensa nacional desde setembro de 2006, dez meses antes do acidente com o avião da TAM, quando um Boeing da companhia aérea Gol havia se chocado um jato Legacy, provocando a morte de 154 pessoas. Nos meses seguintes a este acidente, a veiculação de notícias que problematizavam as deficiências da aviação brasileira a exemplo das greves dos controladores de voo e do chamado *apagão aéreo* contribuiu para a disseminação do que ficou conhecido como *caos aéreo*.



No entanto, como declararam vários jornalistas, após o acidente com o Airbus da TAM em São Paulo, Congonhas acabou se transformando em um símbolo do *caos aéreo*, em 2007. A ação midiática é, em parte, responsável por esse título, como expressou Chauí (2007), em entrevista concedida a respeito de seu artigo *Invenção da Crise*. Segundo ela, “a mídia, absorve o aspecto metafísico das novas tecnologias, o transforma em ideologia e se coloca a si mesma como poder criador de realidade: o mundo é o que está na tela da televisão, do computador ou do celular”.

A presença da televisão se torna tão determinante nos eventos trágicos que, de acordo com Torres, além de meio de transmissão e construção dessas narrativas, ela acaba por assumir um papel no fato, como participante, alterando a interpretação do fato real:

A televisão coloca-se no centro do acontecimento pela sua omnipresença nas casas, lugares de trabalho e convívio, pelas suas qualidades audiovisuais, por ser o principal meio informativo de acompanhamento dos eventos e pela forma como permite ao espectador questionar as relações de poder num momento de crise. Dadas as crescentes facilidades técnicas e a concorrência entre operadores, a televisão participa no/do evento. (TORRES, 2004, online)

Torres analisa, ainda, o comportamento do público em relação aos eventos trágicos, a partir de três sub-amostras independentes da recepção dos seguintes acontecimentos: a queda da Ponte Hintze Ribeiro, entre Castelo de Paiva e Entre-os-Rios, ocorrida em Portugal, em março de 2001; os ataques ao World Trade Center, ocorridos em 11 de setembro do mesmo ano nos Estados Unidos; e os ataques de milícias pró-Indonésia, no Timor-Leste, após o referendo de 1999. A partir da pesquisa de campo, o autor observa que os espectadores revelam um quadro emocional semelhante a respeito dos fatos, já que os sentimentos mais apontados pelos pesquisados nos três casos são os mesmos: “pena, horror, interesse, tristeza e solidariedade, excepto na sub-amostra do 11 de Setembro, em que a solidariedade troca com a surpresa” (TORRES, 2004, online).

O pesquisador indica também que neste tipo de gênero “há uma ampla *comunhão* de emoções e uma ampla *identificação* a nível emocional: a tragédia televisiva une as pessoas através das emoções” (TORRES, 2004, online). Neste sentido, supomos que este tom emocional é marcante não apenas nas coberturas de acontecimentos considerados trágicos, mas nas transmissões relativas a eventos como os Jogos Pan-americanos.



4. Considerações Finais

No artigo *Jornalismo e construção social da realidade*, Vizeu (2001, online) observa que, “na elaboração do seu texto, o jornalista vai utilizar procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou de um modo mais abrangente, em *discursos sociais*”. É, justamente, a partir desses discursos que pretendemos continuar nossa pesquisa, na qual serão analisados textos e imagens de, aproximadamente, 100 matérias veiculadas pelo *JN*, entre os dias 13 e 28 de julho⁶.

Para aprofundar o estudo sobre as notícias produzidas sob a vertente da espetacularização, é fundamental, ainda, lembrar que esta produção de discursos está intrinsecamente ligada a um conjunto de forças externas como apontou Foucault (1996, p.8), ao supor que esta produção de discursos “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída” com objetivos de dominação.

Assim, pretendemos interpretar também nos silêncios do *não-dito*, como os deuses da mídia, que abençoaram com palavras eufóricas o fogo pan-americano e os heróis do esporte, construíram com imagens de um avião incendiado o discurso da tragédia anunciada. Por enquanto, buscando o rigor de uma metodologia da comunicação, reunimos alguns elementos que podem contribuir para uma hermenêutica histórica da representação dos acontecimentos mediados pelo telejornal.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Essais críticos**. Paris: Éditions De Seuil, 1964.

BAUDRILLARD, Jean. **Televisão/Revolução: O Caso Romênia**. In: PARENTE, André (org). *Imagem-Máquina*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1999.

CASTRO, Daniel apud MAGALHÃES, Luís Antônio. **Acidente aéreo pega redes desfalcadas, mas dá ibope**. Folha de São Paulo, 19/07/2007. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442ASP015>> Acesso em: 22 de junho de 2008.

⁶ O período escolhido possibilita uma análise que abrangerá o intervalo entre a abertura dos Jogos Pan-americanos (13/07/2007), o acidente com o avião da TAM (17/07/2007), passando pela fase em que a tragédia esteve em maior evidência até o retorno da ênfase aos Jogos, em seus últimos dias de realização.



CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. - São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Invenção da Crise**. In: Centro de Mídia Independente, 30/07/2007. Entrevista concedida a Paulo Henrique Amorim. Disponível em <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/07/389288.shtml>> Acesso em: 30 de junho de 2008.

COELHO, Teixeira. **Insuperável e Insuportável**. Revista Bravo!, São Paulo: Ed. Abril, ano 4, n.48, p.100. set. 2001.

CUNHA, Odir. **O encanto dos Jogos Pan-americanos**. In: Observatório da Imprensa, 05/06/2007. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=436AZL004>> Acesso em: 02 de julho de 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Revisão: César Benjamin. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997.

DINES, Alberto. **Patriotada da imprensa marca início dos jogos**. Observatório da Imprensa, 17/07/2007. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442FDS001>> Acesso em: 30 de junho de 2008.

FILHO, Daniel. **O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: edições Loyola, 1996.

Ibope Mídia detecta que 72% dos brasileiros se interessam por esportes. Portal da Propaganda, 13/07/2007. Disponível em <<http://www.portaldapropaganda.com/midia/2007/07/0002>> Acesso em: 02 de julho de 2008.

LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. João Pessoa: Idéia, 2005.

MELLO, Vanessa Scalei. **Jogos Olímpicos de 2004: as narrativas televisivas e a valorização da identidade brasileira**. In: UNIrevista. Vol. 1, n° 3: jul. 2006. Disponível em <www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Mello.pdf> Acesso em: 02 de julho de 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 3.ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. In: Obras Incompletas / Friedrich Nietzsche. S. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Paulo: Abril Cultural, 1983.



PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie *Hoje é dia de Maria***: Mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas. In: BOCC, 2005. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-epifania-do-sublime.pdf>> Acesso em: 01 de julho de 2007.

PATIAS, Jaime Carlos. **O Espetáculo no Telejornal Sensacionalista**. In. COELHO, C.N.P. e CASTRO, V.J. (orgs.). Comunicação e Sociedade do Espetáculo. São Paulo: Paulus, 2006.

PICCININ, Fabiana. **Acontecimentos na televisão**: rituais da pós-modernidade. In: BOCC, 2006. Disponível em <www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisao.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2008.

SANFELICE, Gustavo Roese e HATJE, Marli. **Jogos Olímpicos de Sidney/2000**: Um estudo da cobertura esportiva. In: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4294>> Acesso em: 30 de junho de 2008.

TEMER, Ana Carolina R.P. **Notícias e serviços**: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. In: Intercom, 2002. Disponível em < <http://hdl.handle.net/1904/18631>>. Acesso em: 26 de junho de 2008.

TORRES, Eduardo Cintra. **Identificando um gênero**: a tragédia televisiva. In: Bocc, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/torres-eduardo-cintra-identificando-um-genero-a-tragedia-televisiva.pdf>> Acesso em: 03 de julho de 2008.

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e construção social da realidade**. In. Observatório da Imprensa. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da0711200194.htm>> Acesso em: 22 de janeiro de 2008.

_____. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Dissertação. In Bocc, 2002. Disponível em <http://bocc.unisinos.br/_esp/autor.php?codautor=718> Acesso em: 30 de Janeiro de 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. Ed. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.- Porto: Presença, 1995.249p.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.